



**Universidade:
presente!**

UFRGS
PROPEAQ



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO • CAMPUS DO VALE

Evento	Salão UFRGS 2019: SIC - XXXI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2019
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O que resta de uma carta? Exercícios de leitura sobre formação inicial de professores para contextos inclusivos
Autor	GABRIELA MACHADO PEREIRA
Orientador	CARLA KARNOPPI VASQUES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

O que resta de uma carta? Exercícios de leitura sobre formação inicial de professores para contextos inclusivos

Autora: Gabriela Machado Pereira (UFRGS-FACED-NUPPEC)

Orientadora: Carla Karnoppi Vasques (UFRGS-PPGEdu-NUPPEC)

Financiamento: PIBIC/CNPq

Resumo: O presente estudo possui laços com o projeto de pesquisa “Leitura e Rasura: A construção do caso na formação continuada de professores implicados na escolarização de alunos com Transtornos Globais do Desenvolvimento” e com o programa de extensão “A Caixa Postal 4317 | Centro de Documentação Pedagógica sobre Educação Especial & Escolarização”, ambos vinculados ao Núcleo de Pesquisa em Psicanálise, Educação e Cultura (NUPPEC-UFRGS/CNPq). A pesquisa é qualitativa e sua fonte são 88 cartas escritas por alunos/as das licenciaturas da UFRGS, vinculados à disciplina EDU1013 - Intervenções Pedagógicas e Necessidades Educativas Especiais, no ano de 2018. No campo da educação especial/inclusão escolar a formação inicial de professores é secundarizada e poucas são as universidades que se ocupam desta temática. A possibilidade de ter como aluno alguém considerado com deficiência soa estranho e distante para os futuros professores. Nesse contexto, conduzir o percurso formativo exclusivamente pela via da informação, ou de uma retórica tecnicista, é insuficiente para produzir uma primeira aproximação deste futuro professor com um futuro aluno. Que educação é essa que parece se outorgar outra? Quem é o aluno na educação especial? Como ser professor de alguém que não parece aluno? A inclusão escolar implica a queda de alguns ideais – de aprendizagem, de ensino, de avaliação - a fim de que uma experiência singular possa ser construída. O que resta dessa queda? A carta é um convite para que se possa falar, escrever, sobre esse processo. Os documentos (cartas) foram analisados em diálogo com os campos da educação especial, dos processos inclusivos e da literatura. O primeiro tempo de trabalho – ler o que está fora - implicou conhecer o *material*, *propor uma catalogação* e organizar o acervo d’A Caixa Postal 4317 de acordo com as seguintes categorias: remetente (iniciais do nome do/a aluno/a); ano; semestre letivo; turma; licenciatura; destinatário. A primeira frase foi transcrita, compondo o que chamamos de “título da carta” e, por fim, o documento

foi digitalizado e o link com o acervo virtual estabelecido. Um *segundo* tempo - leitura diurna - estabeleceu a sinopse de cada *carta mediante* construção do resumo, com citações e passagens consideradas importantes. Há também um espaço para que o leitor dialogue com os documentos. Algumas cartas foram sinalizadas por marcadores de página verde, roxo e/ou amarelo. As cartas amareladas marcam pela história que contam, muitas vezes elucidando uma jornada pedagógica ou até mesmo casos pessoais. As esverdeadas possuem uma narrativa centrada na educação inclusiva, nas práticas pedagógicas ou nas políticas públicas. As cartas roxas possuem um caráter mais subjetivo, sendo tecidas desde recordações, sentimentos e reflexões do remetente. Entendemos por subjetividade, no contexto da pesquisa, a letra capaz de transcender a intimidade e deixar marcas em quem lê. Subjetividade como extimidade. Conforme Piglia (2006): “um escrito que produz um leitor”. A leitura noturna – terceiro e último tempo de *pesquisa - se refere* ao conjunto das cartas e a pergunta sobre o que se inscreve quando se escreve para alguém. A carta, como uma narrativa artesanal, implica direcionar a letra para um outro, supor um sujeito e construir um lugar de enunciação. Em um número considerável de cartas, o destinatário é “Um outro eu”, “Eu do futuro”, “Eu de amanhã”, ou seja, o missivista. Remeter algo para si - num cenário onde o saber-fazer docente se vê cada vez mais fragilizado, atacado, interrogado – pode ser lido como uma dimensão ético-poiética do conhecimento, na qual o cuidado de si é colocado em cena/letra. Trata-se de resguardar aquilo que é ambíguo, frágil e precioso: o desejo de ser professor(a).

Palavras-Chave: Educação Especial. Formação Inicial de Professores. Cartas.